

A EXPERIÊNCIA ESTUDANTIL EM PROCESSOS DEMOCRÁTICOS NO CURSO DE PEDAGOGIA

Stefani Iolanda Gomes de Lima
Universidade de Passo Fundo (UPF)
175908@upf.br

Paula dos Santos de Oliveira
Universidade de Passo Fundo (UPF)
paula.s789@gmail.com

Eliara Zavieruka Levinski
Universidade de Passo Fundo (UPF)
eliazavlev@gmail.br

INTRODUÇÃO

No momento que vivemos, assinalado por múltiplos tensionamentos de ordem social, econômica, cultural e educacional, manifestados por políticas e ações marcadas por ameaças ao direito à educação como bem público, pela crença individualista e meritocrática, pela fragilização das propostas que pretendem a formação cidadã dos estudantes, pela destruição moral do magistério, pela forma mercantil de pensar a educação, encontramos razões para rememorar e refletir, do lugar de acadêmicas, sobre as experiências constituídas em processos democráticos no percurso da formação inicial, neste caso, o curso de Pedagogia da Universidade de Passo Fundo (UPF), no Rio Grande do Sul. Esse trajeto formativo nos permitiu aguçar saberes para ver e compreender o mundo vivido com outras “lentes”, mobilizar inquietações e buscas para fortalecer o trabalho coletivo, significar os saberes da ciência na relação com os contextos vividos e encontrar núcleos basilares para amparar o exercício da profissão na perspectiva democrática, crítica e reflexiva.

DESENVOLVIMENTO

A formação inicial de professores, e neste caso de pedagogos, é marcada por múltiplos desafios que se apresentam cotidianamente, entre os quais a precarização do direito à educação, a redução impactante do financiamento da educação, a ênfase em processos no campo das políticas educacionais no cenário brasileiro com ações que precarizam o direito à educação. Esse contexto tem se intensificado

ainda mais, tornando-se essencial e, de certo modo urgente, trazer para debate as propostas dos cursos de licenciaturas, no intuito de refletir sobre o caminho de formação dos docentes que corroborem em defesa da democracia e das políticas educacionais. Pimenta (1997, p. 11) enfatiza que:

A formação é, na verdade, autoformação, uma vez que os professores reelaboram os saberes iniciais em confronto com suas experiências práticas, cotidianamente vivenciadas nos contextos escolares. É nesse confronto e num processo coletivo de troca de experiências e práticas que os professores vão constituindo seus saberes como “*praticum*”, ou seja, aquele que constantemente reflete na e sobre a prática.

Pensar a formação por esse viés implica uma perspectiva de ampliação das capacidades de enfrentamento das complexidades impressas na profissão docente. Assim, o curso de Pedagogia na UPF busca um processo de formação inicial potente, mobilizado para vivenciar práticas formativas em diferentes territórios e campos de atuação do pedagogo, ancorados em princípios que reiteram a formação de docentes reflexivos, atuando para transformar realidades e contribuir na construção de espaços democráticos, inclusivos, que colaboram na defesa de uma educação de qualidade para todos.

Na medida em que vivenciamos os processos democráticos na formação inicial, fomos impactadas por desejos de coletividade, de responsabilidade e compromisso social. Segundo Souza (2009), a democracia é também uma ação educativa, no sentido da conformação de práticas coletivas na educação política dos sujeitos.

Nesse sentido, o curso propõe uma renovação das práticas pedagógicas a partir de um conjunto de disciplinas pensadas para subsidiar constantemente a relação teoria e prática e fortalecer os processos de reflexão/ação/reflexão. Tal compreensão de formação triangula saberes da ciência, reflexão sobre a ação e formação humana. Esses três pilares resultam em docentes críticos, investigativos e inovadores; professores compromissados em fazer a diferença onde quer que estejam, construindo outros caminhos, outras possibilidades, outro mundo. Benincá (2002, p. 59) contribui, ressaltando que:

A ação reflexiva que possibilita a percepção do mundo na consciência é sempre um trabalho exaustivo; por isso, muitos rejeitam o esforço da reflexão. Não basta, portanto, querer; é preciso também dispor de um método que possibilite o caminho da descoberta e da mudança dos sentidos do mundo.

Posto isso, destacamos que “só será sujeito da ação quem puder decidir sobre ela.” (BENINCÁ, 1995, p. 14). Com base no conceito de Benincá sobre participação, algumas ações tornaram-se imprescindíveis para legitimar o processo participativo, estabelecendo-se uma cumplicidade capaz de produzir a escuta ativa. Participar é um ato político e de empoderamento, exige efetivamente pensar, refletir, conhecer, compreender e, mais ainda, comprometer-se coletivamente com uma educação transformadora que se constitui em um movimento formativo cidadão.

O perfil do graduando pautado na participação intenciona oportunidade de viver processos participativos nas instâncias acadêmicas. Ao ocupar os espaços de protagonismo estudantil forma-se no processo de interação com o outro, aprende a superar as diferenças, a partir das escutas, de uma utopia da voz dos estudantes no diretório acadêmico, nos conselhos e comissões da instituição, na gestão da aula, onde há efetiva participação.

Compreendemos a aula como uma teia de significações, práticas e desafios, que se faz e se refaz na relação com seus protagonistas, somando ideias para seguir trilhando caminhos de conhecimento, esperança e humanização através da educação. Vivenciamos também a pesquisa e a extensão no ato de ampliar-se, ir além e, nesse sentido, mencionamos a universidade para além dos muros, junto à comunidade, na vivência com o Grupo de Pesquisa e Extensão Políticas e Gestão da Educação (GPEPGE), no qual o processo de formação promovido pelo projeto abrange professores e gestores de diferentes instituições educacionais, dialogando com quem está no chão das escolas, promovendo ações que mobilizam os sujeitos para ressignificações de práticas pedagógicas, orientados pela participação, diálogo, escuta, investigações e estudos junto à comunidade escolar. Constituindo desse modo, processos democráticos coerentes e de qualidade para uma formação inicial contextualizada e emancipadora.

As experiências aqui socializadas impactam na forma de viver do acadêmico. Tais experiências podem ser compreendidas a partir de Larrosa (2015, p. 28), quando as define como paixão, “se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem”, então passamos por um encantamento, uma paixão, que ao formar nos transforma. Assim, “o sujeito apaixonado não está em si próprio, na posse de si mesmo, no autodomínio, mas está fora de si.” (LARROSA, 2015, p. 29).

Essa inquietação é repleta de transformações que alteram o sujeito em seu percurso de formação inicial, que, ao estar apaixonado pelos saberes, anseia vivenciar os processos democráticos não como um estado em que se quer chegar, mas como um processo contínuo que se deseja viver nas diferentes esferas da vida social, através do que compreendemos na formação inicial, trazendo abertura para as organizações institucionais que visam a participação dos cidadãos nas tomadas de decisões e nos mecanismos que promovem a democratização e potencializam a democracia nos espaços sociais.

CONCLUSÃO

A formação inicial de pedagogos no curso de Pedagogia da UPF, sustentada na perspectiva da participação, do diálogo, da coletividade e do encantamento a partir da experiência está possibilitando uma travessia ancorada na vivência de processos democráticos. Assumimos uma decisão ética e política no âmbito profissional e pessoal, não sendo possível fazer uma imersão tão intensa e seguir indiferente.

Diante disso, a formação inicial se faz e se refaz no estar sendo, na autoformação e, nesse sentido, distancia-se de ser apenas uma passagem pela universidade, mas a possibilidade de vivenciar, apaixonar-se e doar-se a esse processo, ressignificando o exercício docente subsidiado por princípios que legitimam a democracia e provocam o desejo por uma sociedade, de fato, democrática, educativa e humana, mesmo diante de uma conjunta sombria.

REFERÊNCIAS

BENINCÁ, E. As origens do planejamento participativo no Brasil. **Revista Educação – AEC**, n. 26, jul./set. 1995.

BENINCÁ, E. **O senso comum pedagógico**: práxis e resistência. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

LARROSA, Jorge. Ferido de realidade e em busca de realidade. Notas sobre linguagens da experiência. *In*: LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 73-122.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. **Nuances**, v. 3, p. 11, 1997.

SOUZA, Ângelo Ricardo de. Explorando e construindo um conceito de gestão escolar democrática. **Educação em Revista**, v. 25, p. 123-140, 2009.